

A (in)existência de neutralidade: um estudo de caso baseado em corpus com roteiros de audiodescrições francesas de filmes via Teoria da Avaliatividade

(Non)existence of neutrality: a case study based on a corpus composed of French audiodescription scripts of movies via Appraisal Theory

Cristiene Ferreira da Silva*

Pedro Henrique Lima Praxedes Filho*

RESUMO: Este artigo relata um estudo descritivo que dedicou-se à Audiodescrição (AD), modalidade da Tradução Audiovisual Acessível (TAV-Ac) responsável pela acessibilidade sociocultural de deficientes visuais (DVs), e tratou do registro ‘roteiro de AD de longas’, buscando investigar, via Linguística de Corpus (LC), a presença-ausência de neutralidade segundo a Teoria da Avaliatividade (TA)-Linguística Sistemico-Funcional (LSF). O corpus foi dividido em dois subcorpora, cada um contendo um roteiro de AD escrito pela mesma audiodescritora francesa: *Intouchables* (C1)-*Minuit à Paris* (C2). Foram elaboradas sete etiquetas para cada subcorpus via termos/escolhas dos sistemas da rede de avaliatividade da TA até o segundo nível de delicadeza, as etiquetas foram inseridas e os subcorpora compilados foram submetidos às ferramentas WordList e Concord do Word Smith Tools. Os resultados demonstraram a inexistência de neutralidade por serem os roteiros avaliativos/interpretativos por ‘atitude’ e seus três tipos, por ‘engajamento’ e seus dois tipos e por ‘gradação’ e seus dois tipos, tendo evidenciado uma tendência de padrão avaliativo caracterizado pela predominância de ‘gradação’-‘força’ e ‘atitude’-‘apreciação’. A LC foi imprescindível para o êxito do estudo por ter viabilizado a inserção de 14 etiquetas derivadas de 10 termos/escolhas avaliativos em 10.387 palavras (C1+C2) e uma análise com 2.422 etiquetagens. A partir desses

ABSTRACT: This article reports on a descriptive study that dealt with Audiodescription, a branch of Accessible Audiovisual Translation involved in the socio-cultural accessibility of the blind and visually impaired, and the register ‘AD script of feature films’, aimed at investigating, via Corpus Linguistics, the presence-absence of neutrality through Appraisal Theory-Systemic-Functional Linguistics. The corpus was divided into two subcorpora, each of which containing an AD script written by the same French audiodescriber: *Intouchables* (C1)-*Minuit à Paris* (C2). Seven tags were made up for each subcorpus via the terms/choices within the systems of the appraisal network up to the second delicacy level, the tags were inserted, and the compiled subcorpora were treated by the WordList and Concord tools on Word Smith Tools. The results evidenced the **non**existence of neutrality as the scripts are evaluative/interpretative from the perspectives of ‘attitude’+its three types, ‘engagement’+its two types, and ‘graduation’+its two types, having indicated a tendency of an evaluative pattern characterized by the predominance of ‘graduation’-‘force’ and ‘attitude’-‘appreciation’. CL was vital for the study’s success as it made feasible the insertion of 14 tags derived from 10 evaluative terms/choices in 10,387 words (C1+C2), and an analysis with 2,422 taggings. Based on these results, we suggest other studies: (i)

* Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

* Doutor em Letras e professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

resultados, sugerimos outros estudos: (i) descrição da assinatura avaliativa da audiodescritora via corpus com mais roteiros de AD de longas por ela escritos e (ii) descrição do estilo avaliativo do registro ‘roteiro de AD de longas’ via corpus com roteiros de AD de um mesmo longa francês, escritos por diferentes audiodescritores.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução Audiovisual Acessível. Audiodescrição francesa filmica. Descrição de neutralidade. Linguística de *Corpus*. Teoria da Avaliatividade-Linguística Sistêmico-Funcional.

description of the audiodescriber’s evaluative signature via a corpus with more AD scripts of feature films written by her, and (ii) description of the evaluative style of the register ‘AD script of feature films’ via a corpus with AD scripts of the same French feature film, written by different audiodescribers.

KEYWORDS: Accessible Audiovisual Translation. French film Audiodescription. Neutrality description. Corpus Linguistics. Appraisal Theory-Systemic-Functional Linguistics.

1. Introdução

Este estudo trata da descrição de roteiros de audiodescrições francesas de filmes quanto à existência, ou não, de neutralidade. Em outras palavras, a temática diz respeito à ausência ou presença de interpretação através de marcas de posicionamento avaliativo por parte do tradutor/audiodescritor.

Epistemologicamente, o estudo se insere na área maior dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT); nela, localiza-se na subárea dos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC), na qual, por sua vez, restringe-se ao recorte da Tradução Audiovisual Acessível (TAV-Ac) quanto à modalidade Audiodescrição (AD) para deficientes visuais (DVs). Institucionalmente, encontra-se inserido no projeto ‘A neutralidade em audiodescrições de produtos audio(visuais) e/ou o estilo do roteiro de AD e/ou a assinatura do audiodescritor: um estudo via Teoria da Avaliatividade (TA)’, conduzido pelo coautor, Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho, e equipe no âmbito do projeto maior ‘A locução na audiodescrição para pessoas com deficiência visual: uma proposta para a formação de audiodescritores’ (LOAD), desenvolvido, por seu turno, sob a coordenação geral da Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo no Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV) do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O primeiro projeto tem por objetivo, dentre outros, fornecer evidência empírica ao segundo quanto à (in)existência de neutralidade relativamente ao parâmetro prescritivo de neutralidade em roteiros de AD.

No que se refere ao parâmetro de neutralidade, nos Estados Unidos, país onde a AD começou (FRANCO; SILVA, 2010) como profissão no universo extra-academia, a última

edição, ainda em vigor, do documento *Standards for Audio Description and Code of Professional Conduct for Describers* (2009) da organização *Audio Description Coalition* mantém as seguintes orientações prescritivas:

Esta é a primeira regra de descrição [descreva o que você vê]: *o que você vê é o que você descreve. Você vê aparências e ações físicas; você não vê motivações ou intenções. Nunca descreva o que você acha que vê. (...)*
 Permita que os ouvintes [DVs] formem suas próprias opiniões e cheguem às suas próprias conclusões. Não edite, interprete, explique, analise (...)
 Se a conclusão é que um personagem está com raiva, descreva o que lhe levou a essa conclusão – os gestos/as expressões faciais do personagem. Os humores, as razões ou o raciocínio de um personagem não são visíveis e, portanto, não devem ser descritos. (...)
 Use somente aqueles adjetivos e advérbios que não oferecem julgamentos de valor e que não são (...) sujeitos à interpretação. (...)
 Ao invés de dizer que uma pessoa, uma roupa, um objeto etc. é bonito/a, descreva o que você viu e que lhe levou a essa conclusão, de tal forma que os ouvintes [DVs] possam chegar às suas próprias conclusões. (...)
 É mais interessante listar os itens que estão em um amontoado de coisas, se o tempo permitir, do que dizer: “O sótão está amontado”. (...)
 Não acrescente ‘cerca de’ ou ‘aproximadamente’ para qualificar (...) dimensões estimadas (...).¹ (itálico no texto fonte) (p. 1-3)

Foram os EUA que exportaram a AD e o parâmetro de neutralidade obrigatória para o mundo. Na Alemanha, por exemplo, Benecke (2004), ao estabelecer etapas para a AD alemã, afirmou que uma “[b]oa audiodescrição deve ser discreta [invisibilidade da voz do audiodescritor] e neutra (...)”² (p. 80). Também no Brasil, trabalhos recentes manifestam-se favoráveis à não interpretação ou à neutralidade do roteiro de AD. Para Vilaronga (2009), “a busca da fidelidade ao filme deve ser perseguida pelo audiodescritor(a), evitando antecipar, *julgar ou interpretar* o filme” (itálico nosso) (p.1060). Silva *et al.* (2010) avalizam diretrizes para a invisibilidade do audiodescritor, igualmente

¹ As traduções, salvo indicação contrária, são de nossa autoria. “This is the first rule of description: what you see is what you describe. One sees physical appearances and actions; one does not see motivations or intentions. Never describe what you think you see. ... Allow listeners to form their own opinions and draw their own conclusions. Don’t editorialize, interpret, explain, analyze ... If the conclusion is that a character is angry, describe what led to that conclusion – the gestures/facial expressions of the character. Character’s moods, motives or reasoning are not visible, thus, not subject to description. ... Use only those adjectives and adverbs that do not offer value judgments and that are not ... subject to interpretation. ... Instead of saying the person, clothing, object, etc. is beautiful, describe the things observed that caused your conclusion – so listeners may draw their own conclusion. ... It is more interesting to name the items in the clutter if time permits than to say, ‘The attic is cluttered’. ... Don’t add ‘about’ or ‘approximately’ to qualify ... estimated dimensions (...).”

² “Good audio-description should be unobtrusive and neutral (...).” Na verdade, Rai, Greening e Petré (2010, p. 8) informam que “...os parâmetros alemães estabelecem que todas as palavras escolhidas devem ser o mais possível imparciais a fim de que o espectador [DV] possa ter a oportunidade de tomar sua própria decisão...” (texto fonte: “...the German guidelines state that all the words chosen should be as impartial as possible – so that the viewer has a chance to make up his own decision...”).

prescrevendo uma atitude de neutralidade. Tratando sobre a inclusão social de DVs em relação à publicidade brasileira via AD, Navarro (2012) endossa ‘regras de ouro’ para o audiodescritor como: “descrever o que está lá, *não dar uma versão pessoal do que está lá*” (itálico nosso) (p. 18).

Em relação à França – um outro país engajado na promoção de AD, cujo marco inicial data de 1989 (FRANCO; SILVA, 2010) –, há o documento *La Charte de Qualité de l’Audiodescription*³ (FRANÇA, 2008), que é contraditório quanto à questão da neutralidade. A *Charte* (carta) expressa os princípios e as orientações para a AD francesa de produtos (áudio)visuais, estabelecendo padrões mínimos de referência para os profissionais da área. Dentre as informações relevantes, ela, inicialmente, estabelece

[u]m quadro ético dos princípios básicos:
*O trabalho de audiodescrição é um trabalho de autor. É um trabalho completo de criação: trata-se de escrever um texto inédito a partir de um suporte visual. Descrever uma obra é compreendê-la, analisá-la, restituir o sentido, para transmitir sua mensagem e provocar emoção pela verbalização.*⁴ (itálico no texto fonte) (FRANÇA, 2008, p. 5)

Em caminho oposto e incompatível a essas recomendações sobre a AD enquanto trabalho de autor e de criação, que deve provocar emoção pela verbalização, o mesmo documento também determina, paradoxalmente, que

[o]s seguintes princípios devem ser seguidos: (...) O audiodescritor *não deve interpretar as imagens, mas descrevê-las* (...);
 Modo operacional: (...) A voz deve (...) *manter uma certa neutralidade.*⁵
 (itálicos nossos) (FRANÇA, 2008, p. 5-8)

Ainda na França, Bernengo (2012) defende que “[o] audiodescritor deve se manter fiel ao que é factual, objetivo e *não deve emitir julgamento* (...)”⁶ (p. 27) (itálico nosso). Esse posicionamento reforça o paradoxo presente na *Charte*.

³ A tradução deste documento para a língua portuguesa, na variante brasileira, feita pela autora Cristiene Ferreira da Silva, foi objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso, nível *lato sensu* (UECE), intitulado ‘Aspectos relevantes na tradução da *charte* francesa para a audiodescrição’ (FERREIRA, 2013).

⁴ “Un cadre éthique, des principes fondamentaux:

Le travail d’audiodescription est un travail d’auteur. C’est un travail de création à part entière: il s’agit d’écrire un texte inédit à partir d’un support visuel.

Décrire une oeuvre, c’est la comprendre, l’analyser, la décrypter pour transmettre son message et provoquer émotion par la verbalisation.”

⁵ “Les principes suivants doivent être suivis: (...) L’audiodescripteur ne doit pas interpréter les images mais les décrire (...); Mode opératoire: (...) La voix doit (...) doit néanmoins garder une certaine neutralité.”

⁶ “Le descripteur doit rester dans le factuel, objectif et ne pas émettre de jugement (...)”

Portanto, podemos depreender que o parâmetro prescritivo de neutralidade, surgido inicialmente como parte do *modus faciendi* da AD e posteriormente incorporado pela academia, diz respeito à ausência da voz autoral do audiodescritor no roteiro de AD no sentido da necessidade, pelo ‘bem’ das pessoas DVs, de essa voz ser imparcial. Entendemos por necessidade de imparcialidade a interdição de que o audiodescritor avalie ou interprete, fazendo juízos de valor, o texto visual que descreve verbalmente.

Apesar de a tendência prescritiva ser favorável à não avaliação/interpretação, as contradições no documento francês incitam questionamentos relativos à neutralidade e surgem as dúvidas: um roteiro de AD escrito sob a égide da regra da neutralidade é realmente neutro? Essa neutralidade é possível?

Essa falta de unanimidade sobre a questão da neutralidade nos levou a querer estudar o assunto nos roteiros de AD, em língua francesa, dos filmes *Intouchables* (de Eric Toledano e Olivier Nakache) e *Minuit à Paris* (de Woody Allen, dublado em francês), audiodescritos na França, em 2011, pela mesma profissional. As dúvidas surgidas a partir da problematização identificada definiram as metas do estudo. No nível geral, o objetivo foi estudar a (in)existência de neutralidade, concernente ao parâmetro prescritivo de neutralidade para ADs, em roteiros de AD francesa de filmes, tendo sido o objetivo específico assim estabelecido:

- Investigar a presença ou ausência de neutralidade nos roteiros de AD em francês dos filmes *Intouchables* e *Minuit à Paris*, quanto a possíveis marcas de posicionamento avaliativo/interpretativo de ‘atitude’, ‘engajamento’ e/ou ‘gradação’⁷ por parte da audiodescritora.

Esse objetivo suscitou as perguntas abaixo elencadas:

- Como se caracterizam os roteiros de AD em francês dos filmes *Intouchables* e *Minuit à Paris* acerca da presença ou ausência de neutralidade operacionalizada pela ausência ou presença, respectivamente, de marcas de posicionamento avaliativo/interpretativo...

I. ... de ‘atitude’ quanto aos TIPOS DE ATITUDE: ‘afeto’, ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’?

⁷ A ‘atitude’, o ‘engajamento’ e a ‘gradação’ são as três grandes áreas de significados avaliativas previstos pela Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) e serão apresentadas na Seção 2.4.

- II. ... de ‘engajamento’ quanto aos TIPOS DE ENGAJAMENTO: ‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’?
- III. ... de ‘gradação’ quanto aos TIPOS DE GRADAÇÃO: ‘força’ e/ou ‘foco’? e
- IV. Os roteiros de AD em francês dos filmes *Intouchables* e *Minuit à Paris* são neutros ou avaliativos/interpretativos e, se avaliativos/interpretativos, assim são de modo semelhante ou diferente?

Quando a AD deixa de ser da exclusividade do mundo da prática e passa a ser do interesse também do mundo teórico-acadêmico, com sua inserção na subárea da TAV-Ac dos EDT, o parâmetro de neutralidade perde definitivamente seu status de unanimidade pelo simples fato de os teóricos da tradução – por terem, em geral, formação também em Linguística e/ou Linguística Aplicada –, saberem que nenhum texto pode ser neutro⁸. Contudo, para que aqueles que passaram a teorizar sobre AD possam convencer os praticantes a respeito desse fato, tem sido necessário desenvolver pesquisas com o fim de demonstrá-lo empiricamente.

Esse foi o caso de PRAXEDES FILHO e MAGALHÃES (2013a,b), que analisaram roteiros de AD de pinturas via TA, Holland (2009), que discorreu – de modo impressionístico –, sobre a impossibilidade de neutralidade em roteiros de AD nas artes visuais, e Jiménez Hurtado (2007), que estudou roteiros de AD de filmes. Apesar de os estudos empíricos, o primeiro e o terceiro, terem demonstrado a ausência de neutralidade, o estudo ora relatado se justificou pelo fato de ter sido o primeiro a tratar de roteiros de AD em língua francesa para o cinema sob o olhar da TA, que trata da avaliatividade de maneira holística. Não obstante Jiménez Hurtado (2007) ter também estudado roteiros de AD fílmica, eram todos em língua espanhola e a neutralidade foi abordada sob outra perspectiva teórica, que consideramos reducionista pois contempla somente uma das nuances avaliativas descritas pela TA.

Passamos, agora, para a revisão da literatura.

⁸ Para textos em geral, originais e traduzidos, Martin e White (2005, p. 94) asseveram que até asserções categóricas são permeadas por *intersubjetividade*. Para os textos traduzidos especificamente, Jakobson (1995/1959) fala em *interpretação* de signos por outros e a Linguística Sistemico-Funcional os entende como retextualizações de textos fonte por novos autores, os tradutores, cujas vozes também se impõem.

2. Referencial Teórico

2.1 Estudos Descritivos da Tradução

Inicialmente, ressaltamos, pelas palavras de Hermans, o delineamento do escopo dos EDT:

Em essência, os descritivistas consideram, como seu objeto de estudo, o que os tradutores, professores e críticos da tradução fazem e dizem. Desta forma, não só as traduções, como também declarações sobre elas, incluídos enunciados prescritivos e avaliativos, são matérias-primas para os estudos descritivos.⁹ (HERMANS, 1999, p. 35)

Nesse sentido, entendemos, então, que o parâmetro da neutralidade orientado para o trabalho do audiodescritor é ‘matéria-prima’ do campo disciplinar dos EDT.

Ainda para Hermans (1999), os EDT marcam oposição ao prescritivismo e objetivam descrever os textos traduzidos (TTs) para poder entender e explicar sua natureza e compreendê-la no sistema de chegada. Para este estudo, elegemos os seguintes pressupostos hermansianos para além daquele já citado acima:

Ao rejeitar uma abordagem de tradução prescritiva ou normativa, os descritivistas querem realizar pesquisas que se justifiquem por si mesmas, e não pesquisas que determinem conselhos práticos ou diretrizes para uma boa tradução ou regras de ouro para serem seguidas pelos tradutores ou ainda critérios com os quais críticos e comentaristas possam avaliar a qualidade de uma tradução. Desse modo, o termo 'descritivo' assinala um movimento deliberado da pesquisa 'aplicada' para a pesquisa 'pura', em um contexto histórico no qual a tendência 'aplicada' dominava há muito tempo (...).

(...) o descritivismo redefine os objetivos de se estudar tradução ao defender a legitimidade de investigações que têm caráter de ‘esclarecimento’ em contraposição àquelas que têm caráter de ‘uso’, seguindo os termos de Holmes. Deseja estudar as traduções como elas são, dando conta de suas ocorrências e natureza. Estes objetivos podem gerar ideias que acabam sendo de relevância prática tanto para tradutores, quanto para professores e críticos de tradução (...).¹⁰ (p. 35)

⁹ “In essence, descriptivists regard what translators do and say, and what translation teachers and critics do and say, as their object of study. In this way not only translations but also statements about translation, including prescriptive and evaluative pronouncements, are grist to the descriptive mill.”

¹⁰ “In rejecting a prescriptive, or normative, approach to translation, the descriptivists want to conduct research for its own sake and not in order to distil from it practical advice or guidelines for good translating, or rules of thumb which translators should follow when they translate, or criteria with which critics and reviewers can assess the quality of translation. ‘Descriptive’ thus signals a deliberate shift away from ‘applied’ to ‘pure’ research, in a historical context in which the ‘applied’ tendency had long been dominant (...).

(...) descriptivism redefines the aims of studying translation by claiming legitimacy for research which is ‘of light’ rather than ‘of use’, to speak in Holmes’s terms. It wants to study translations as they are, and to account for their occurrence and nature. These endeavors may yield insights that turn out to be of practical use to translators and to translation teachers and critics (...).”

Continuando a discussão a respeito da abordagem descritivista adotada neste estudo, vale salientar o que Pagano e Vasconcelos (2003) dizem, por reconhecerem seu importante papel acadêmico-científico, a respeito da proposta de Holmes (1988/1972) quanto aos subcampos dos Estudos da Tradução, à qual Hermans (1999) explicitamente se refere:

Acredita-se que ele [Holmes] consegue capturar as mais tradicionais vertentes da pesquisa na área; além disso, a distinção por ele proposta entre *estudos aplicados* (voltados para a prática) e *estudos puros* (ou seja, estudos teóricos e descritivos [orientados para o produto, o processo ou a função] feitos sem preocupação com uma aplicação prática e direta) e suas subseqüentes divisões servem de norteamento para a pesquisa de tradução. (itálicos das autoras) (PAGANO; VASCONCELOS, 2003, p. 14)

Nessa perspectiva e consoante à sistematização da proposta holmesiana feita por Toury (1995), o que ficou conhecido como ‘Mapa de Holmes’, a pesquisa aqui relatada localiza-se no subcampo dos estudos ‘puros’, ‘descritivos’ e ‘orientados para o produto’. Logo, descrevemos, sem intenção aplicada apriorística, produtos finais do fazer tradutório de uma dada tradutora/audiodescritora, isto é, textos traduzidos/roteiros de AD por ela produzidos.

2.2 Estudos da Tradução Baseados em Corpus e Linguística de *Corpus*

Nos Estudos da Tradução, a mudança para o enfoque descritivista possibilitou a expansão de novas perspectivas. Aliado ao descritivismo, os avanços na tecnologia computacional contribuíram, no decorrer dos anos 1990, conforme Bassnett (2003), para o surgimento de uma linha de pesquisa interessada em investigação com *corpus*. Nesse sentido, os trabalhos de Mona Baker são pioneiros no que tange à proposta de metodologias baseadas em *corpora* eletrônicos, usando ferramentas da Linguística de *Corpus* (LC), para estudar características do texto traduzido.

Baker (1996) esclarece que a pesquisa baseada em *corpora* propiciou contribuições significativas para os Estudos da Tradução, tendo dado origem aos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC). No âmbito dos estudos descritivos, os ETBC fornecem suporte a várias linhas de pesquisa, possibilitando a busca por regularidades e padrões de TTs a partir de bases de dados eletrônicos ou *corpora* eletrônicos, passíveis de análise graças à LC. Portanto, os ETBC constituem-se numa abordagem interdisciplinar abrangendo os EDT e a LC, a fim de poder examinar dados autênticos e evidências empíricas da atividade tradutória. Nessa perspectiva, esta pesquisa apresenta sua primeira interface interdisciplinar, ao propor investigação envolvendo os EDT e a LC via ETBC.

Acerca do tema, Sinclair (1991), um grande expoente da LC, posicionando-se a favor da metodologia de investigação com *corpora*, evidencia as contribuições dos recursos tecnológicos para estudos na área da linguagem verbal, dentre as quais: maior precisão, abrangência, sistematização e confiabilidade na coleta e na análise de dados sob a forma de *corpora* eletrônicos. Conforme Berber Sardinha (2004), a definição de *corpus* proposta por Sanchez é a mais completa por levar em conta pontos importantes, tais como

(a) a origem: os dados devem ser autênticos; (b) o propósito: o corpus deve ter a finalidade de ser um objeto de estudo linguístico; (c) a composição: o conteúdo do corpus deve ser criteriosamente escolhido; (d) a formatação: os dados do corpus devem ser legíveis por computador; (e) a representatividade: o corpus deve ser representativo de uma língua ou variedade; e (f) extensão: o corpus deve ser vasto para ser representativo. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 18-19)

Nesse sentido, Saldanha (2009) afirma que a representatividade depende do propósito para o qual o *corpus* é usado, bem como dos traços linguísticos a serem estudados. No que diz respeito à extensão, Berber Sardinha (2004) classifica como pequenos os *corpora* com menos de 80 mil palavras.

Os trabalhos que envolvem *corpora* eletrônicos precisam contar com o auxílio de *softwares* que possibilitem análises e descrições detalhadas dos dados linguísticos, viabilizando maior eficiência, confiabilidade e a possibilidade de detectarmos fenômenos a partir dos dados. Ressaltamos que, para Berber Sardinha (2004), o programa *WordSmith Tools* de Mike Scott é eficiente como auxílio analítico. O referido *software* dispõe de três ferramentas básicas – que funcionam sob os princípios da ocorrência, da recorrência e da coocorrência –, quais sejam: *WordList*, *KeyWord* e *Concord*, respectivamente.

2.3 Tradução Audiovisual e Audiodescrição

No âmbito da TAV, Díaz Cintas (2004) destaca a importância de validar diversos postulados articulados nos EDT. Acrescenta que esses postulados representam um ponto de partida valioso para a TAV. O autor declara que,

[a]o transcender a dimensão puramente linguística, os postulados apresentados pelos EDT têm a vantagem de colocar os pesquisadores em uma posição que lhes permite concentrar seus esforços no objeto de estudo a partir de uma perspectiva plural e interdisciplinar. *A tradução é considerada um ato de comunicação intercultural, ao invés de simplesmente interlinguística (...). As abordagens linguística e cultural não devem ser*

*vistas como paradigmas antagônicos, mas sim complementares.*¹¹ (itálicos nossos) (DÍAZ CINTAS, 2004, p. 31)

Foi a ultrapassagem do exclusivamente linguístico que pavimentou o caminho que levou às pesquisas em TAV. Assim sendo, Díaz Cintas (2007) classifica a TAV como subárea dos Estudos da Tradução e defende que ela “(...) engloba as diferentes práticas tradutórias implementadas nos meios audiovisuais (...)[, nas quais] há uma interação semiótica entre o som e as imagens”¹² (p. 13). Ainda nesse sentido, Franco e Araújo (2011), discutindo questões terminológicas e conceituais no âmbito da TAV, nos fazem observar que, para esse autor, “(...) o meio audiovisual inclui todos os espaços onde há um sinal acústico e um sinal visual, independentemente de ser transmitido através de uma tela (...) ou de um palco (...)” (p. 3). Para Aderaldo (2014), com base em Jiménez Hurtado e Seibel (2007), deve ser considerado que a TAV tem uma subárea por ela denominada de TAV acessível (TAV-Ac), “relacionada às boas práticas de inclusão social” (p. 18) através da Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) e da Audiodescrição (AD) para DVs, que é lócus onde se encontra, de fato, o estudo aqui relatado.

Vale ressaltar, agora, que foi Díaz Cintas que – em 2005, em artigo publicado no periódico *Translating Today* –, se manifestou pela inclusão da AD no escopo da TAV. De modo geral, a AD traduz o visual para o verbal, podendo ser, portanto, compreendida como a tradução de imagens em palavras. Quanto a sua realização, a AD pode ser pré-gravada, ao vivo ou simultânea. Em filmes, ela é pré-gravada e requer um roteiro com rubricas detalhadas para que, em estúdio, um texto oral resultante da leitura do roteiro seja inserido entre os elementos sonoros e gravado. A AD torna acessível – às pessoas totalmente sem visão ou com baixa visão (DVs), como já dito –, expressões artísticas, como: pinturas, esculturas, exposições, espetáculos de teatro e dança, filmes, programas de TV etc. Portanto, essa modalidade de TAV-Ac possibilita, às pessoas DVs, acessibilidade sociocultural, isto é, sua inclusão social e cultural, empoderando-as como cidadãs com direitos plenos.

Nos centros de pesquisa que desenvolvem estudos em TAV-Ac, o caráter tradutório da AD é justificado pela tipologia de Jakobson (1995/1959), que estabeleceu três possibilidades

¹¹ “By transcending the purely linguistic dimension, the postulates put forward by DTS have the advantage of placing translation researchers on a starting grid that allows them to channel their efforts into the object of study from a plural and interdisciplinary perspective. Translation is viewed as an act of intercultural communication, rather than simply interlinguistic (...). The linguistic and cultural approaches should not be viewed as antagonistic paradigms but, rather, complementary.”

¹² “(...) encapsula las diferentes prácticas traductorales que se implementan en los medios audiovisuales (...) en un formato en el que hay una interacción semiótica entre el sonido y las imágenes.”

de tradução: intralinguística, que consiste na ‘interpretação’ de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua; interlinguística, que consiste na ‘interpretação’ de signos verbais por meio de signos de outra língua; e intersemiótica, que consiste na ‘interpretação’ de signos verbais por meio de signos de sistemas não-verbais. Nessa perspectiva, a AD é TAV-Ac do tipo intersemiótica. A esse respeito, Mascarenhas (2012) esclarece que

(...) a partir de uma revisão da taxonomia proposta por Jakobson (...) para o conceito de tradução, incluindo a ela dimensões visuais e acústicas, verificamos que tanto a legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE), quanto a audiodescrição (AD) podem ser consideradas práticas tradutórias. A primeira por sua natureza intralingual (...) – uma interpretação de códigos verbais orais por meio de códigos verbais escritos na mesma língua – ao passo que a segunda por sua essência intersemiótica – no caso, uma interpretação de códigos visuais por meio de códigos verbais orais. (p. 23)

Franco e Silva (2010) oferecem um panorama histórico da AD no Brasil e no exterior. Esclarecem que se trata de uma prática com pouco mais de trinta anos de existência, tendo nascido “em meados da década de 70 nos Estados Unidos, a partir das ideias desenvolvidas por Gregory Frazier” (p. 24). Acrescentam, ainda, que na década seguinte, a AD expande-se para fora do território americano, chegando na Europa pela Inglaterra, Espanha, França e Alemanha e ganhando atenção no Brasil em 2003, durante o festival temático *Assim Vivemos: Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência*. Na atualidade, informam as autoras, Estados Unidos, Inglaterra, França, Espanha, Alemanha, Bélgica, Canadá, Austrália e Argentina são os países que mais investem em AD, tanto na televisão como no cinema e no teatro.

Observando ainda o contexto histórico mundial, verificamos que, há mais de vinte anos, a AD¹³ foi introduzida na França. Conforme informações difundidas nesse país pelo *Conseil Supérieur d’Audiovisuel*¹⁴ (CSA), pela *Association Valentin Haüy*¹⁵ (AVH), pela *Association Française d’Audiodescription*¹⁶ (AFA) e pela associação *En Aparté*¹⁷, entre outras organizações, em 2008, instâncias governamentais, profissionais da área audiovisual e entidades engajadas na questão da acessibilidade para DVs reuniram-se para assinar *La Charte de Qualité de l’Audiodescription*. No total, 14 assinaturas atestaram a aprovação desse documento de referência, redigido, após dois anos de

¹³ Na França, a AD é denominada por dois termos intercambiáveis: ‘audiodescription’ e ‘audiovision’ (Fonte: http://www.avh.asso.fr/rubriques/audiovision/tout_savoit_audiovision.php).

¹⁴ Disponível em: <<http://www.csa.fr/Espace-Presse/Communiqués-de-presse/Public-non-voyant-ou-mal-voyant-le-CSA-signe-la-Charte-de-l-audiodescription>>. Acesso em: 29 set. 2012.

¹⁵ Disponível em: <http://www.avh.asso.fr/rubriques/audiovision/tout_savoit_audiovision.php>. Acesso em: 29 set. 2012.

¹⁶ Disponível em: <<http://audiodescriptionfrance.wordpress.com/acteurs/>> Acesso em 29 set. 2012.

¹⁷ Disponível em: <http://www.enaparte.org/audiodescription/La_Charte_files/Historique-charte.html>. Acesso em 30 jul.2012.

pesquisa, por Frédéric Gonant e Laure Morisset (cofundadores da associação *En Aparté*), que contaram com a colaboração de: Maryvonne Simoneau – discípula de Auguste Coppola e pioneira, em 1989, com seus pares Marie-Luce Plumauzille e Jean-Yves Simoneau, da AD na França; Patrick Gohet, da *Délégation Interministérielle aux Personnes Handicapées (DIPH)*; Gilbert Montagné da *Société Civile des Auteurs Multimédia (SCAM)*; e Michel Boyon do *Conseil Supérieur d'Audiovisuel (CSA)*, entre outros. Vale relembrar que o texto francês concebe a AD como um trabalho de autor e de criação, que consiste na concepção de um texto inédito a partir de um suporte visual; contudo, essa concepção é contradita quando o mesmo documento recomenda que o audiodescritor não deve interpretar o que vê, significando que a *Charte* é ambígua quanto ao parâmetro de neutralidade.

Concernente a essa questão, algumas pesquisas representam o estado da arte. Jiménez Hurtado (2007) estudou roteiros de AD de filmes redigidos em espanhol quanto, dentre outros aspectos, ao parâmetro da neutralidade quanto a somente a avaliações em torno dos sentimentos emotivos (examinou apenas orações com verbos de ligação e predicativo do sujeito), tendo chegado ao resultado de que não são neutros desse ponto de vista. Em seu ensaio, Holland (2009), com base exclusivamente em suas impressões a partir de sua experiência como audiodescritor profissional na Inglaterra, argumentou a favor da impossibilidade de neutralidade em roteiros de AD para o teatro e as artes visuais em geral; além disso, relatou o resultado de uma pesquisa de recepção de pequena escala em que comparou a preferência de DVs entre dois roteiros de AD de uma pintura escritos em inglês: um com muito pouca e o outro com muita avaliação. O preferido foi o segundo!

Praxedes Filho e Magalhães (2013a,b)¹⁸, na pesquisa ‘A audiodescrição de pinturas é neutra? um estudo descritivo via teoria da avaliatividade’, descreveram roteiros de AD de pinturas quanto a presença ou ausência de neutralidade e o fizeram sob a perspectiva pragmático-funcionalista da Teoria da Avaliatividade (TA) no escopo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Nesse estudo pioneiro, os pesquisadores demonstraram que seis roteiros de AD de pinturas em inglês e seis em português, mesmo tendo sido escritos por audiodescritores americanos e brasileiros treinados segundo a prescrição da neutralidade obrigatória, são interpretativos dos pontos de vista das três grandes áreas de significados avaliativos da TA (‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’). Os resultados quantitativos evidenciaram, então, a ausência de neutralidade nos roteiros em ambas as línguas e, face aos

¹⁸ Praxedes Filho e Magalhães (2013a) apresentam os resultados parciais em relação aos resultados globais relatados em Praxedes Filho e Magalhães (2013b), tendo, portanto, ambos trabalhos derivado do mesmo estudo.

mesmos, os autores concluem que “parece haver um padrão avaliativo caracterizado pela predominância de avaliações/interpretações atitudinais em termos de apreciações estéticas bem como de avaliações/interpretações de gradação em termos da força com a qual as apreciações são expressas” (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2013b, p. 59), dado que os termos/escolhas no segundo nível de delicadeza assim ranquearam para os *corpora* em português e inglês, respectivamente: **‘força’** > **‘apreciação’** > ‘foco’ > ‘heteroglossia’ > ‘monoglossia’ > ‘afeto’ > ‘julgamento’ e **‘força’** > **‘apreciação’** > ‘heteroglossia’ > ‘foco’ > ‘afeto’ > ‘julgamento’ > ‘monoglossia’.

Araújo e Aderaldo (2013) reuniram estudos desenvolvidos nas Universidades Federal da Bahia (UFBA), de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade Estadual do Ceará (UECE), que demonstram a situação acadêmico-científica atual da modalidade AD da TAV-Ac brasileira. Os trabalhos tratam da elaboração de roteiros, da locução e da recepção de ADs realizadas para o teatro, obras de arte, cinema e televisão. Contudo, nessas instituições de ensino, nenhum estudo, exceto o de Praxedes Filho e Magalhães (2013a,b), foi realizado para fornecer informações empíricas acerca da questão do parâmetro prescritivo de neutralidade sob a luz da TA-LSF. É desta interface que passamos a tratar.

2.4 Teoria da Avaliatividade-LSF

Pesquisas embasadas na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) ganham, conforme Vian Jr. *et al* (2010), significativa expansão no Brasil com a inclusão de “diversos tipos de texto e contextos, estabelecendo diálogos com diferentes disciplinas e ampliando muitos aspectos da teoria em diferentes campos” (p. 11), expandindo as possibilidades de pesquisa em Linguística e Linguística Aplicada através da proposta teórico-metodológica de Michael Halliday. Os autores explicam, ainda, que

um desses aspectos é o Sistema de Avaliatividade, um conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem [verbal], configurados em um sistema que oferece aos usuários possibilidades de utilizar itens avaliativos em suas interações cotidianas. (VIAN JR. *ET AL*, 2010, p. 11)

A respeito da abrangência da Teoria hallidayana, Praxedes Filho e Magalhães (2013b) observam que

a LSF – dado seu viés funcionalista em contraposição ao viés formalista –, não se limita a estudar a língua apenas do ponto de vista intralinguístico do

significado (semântica), da forma (lexicogramática) e da expressão (fonologia e fonética-grafologia e grafética). Antes de chegar aos estratos intralinguísticos, a teoria hallidayana parte do estrato ainda extralinguístico dos contextos de cultura e de situação (social) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). (p. 15)

A LSF (HALLIDAY, 1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) tem por base a concepção de língua enquanto fenômeno principalmente social, levando em conta, portanto, a relação de interdependência entre os contextos de cultura e de situação (imediate social) e a língua. Para a LSF, as variáveis (i) ‘campo’ (atividade social, objetivo comunicativo e assunto), (ii) ‘relações’ (participantes, seus papéis e as relações entre eles quanto ao poder, ao afeto e à duração) e (iii) ‘modo’ (papel da língua, canal, meio e modo retórico) do segundo contexto, o de situação, ativam (ou são realizadas), no estrato da semântica, respectivamente, (i) os (pelos) significados ideacionais (experienciais-representação subjetiva das experiências cotidianas e lógicos-sequenciamento das experiências), (ii) os (pelos) significados interpessoais (negociação e avaliação) e (iii) os (pelos) significados textuais (construção de textos coesos e coerentes); essas áreas de significados constituem-se nas funções universais da linguagem verbal ou metafunções. Cada tipo de significado, por sua vez, constrói (realiza) cada variável do contexto de situação, as quais definem o registro (tipo de texto) correspondente ao tipo de situação social do qual dado contexto de situação é uma instância, sendo o contexto de situação, por seu turno, o lócus onde um dado texto oral, escrito ou sinalizado é produzido como instância do registro¹⁹. Esses significados, por sua vez, ativam (ou são realizados), no estrato da lexicogramática, respectivamente, as (pelas) áreas formais (i) de transitividade + relações táticas e lógico-semânticas, (ii) de modo + recursos lexicogramaticais de avaliatividade (incluem as modalidades de modalização e modulação) e (iii) de tema e informação; dialeticamente, cada área formal constrói (realiza) cada tipo de significado. Halliday (1985) explica que as metafunções se interligam na construção de textos, sejam orais, escritos ou sinalizados.

Ancorada na LSF (HALLIDAY, 1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), a Teoria da Avaliatividade (TA) (MARTIN; WHITE, 2005) trata dos significados avaliativos na língua. Esses significados existem como recursos à nossa disposição para que façamos escolhas, as quais são realizadas lexicogramaticalmente. Se são recursos a serem escolhidos,

¹⁹ Os textos que compõem o *corpus* deste trabalho instanciam o registro ‘roteiro de AD de filmes de longa-metragem’.

são sistematizados em uma rede de sistemas ou paradigmas de significados avaliativos (rede de sistemas de avaliatividade). Se são de significados que a rede de sistemas de avaliatividade se constitui, ela situa-se no estrato da semântica e, nele, insere-se na área da língua responsável pelo estabelecimento das relações interpessoais, ou seja, insere-se no âmbito dos significados interpessoais ou da metafunção interpessoal porque, quando avaliamos / interpretamos / posicionamo-nos, construímos nossas identidades, o que só pode ser feito na relação com o outro.

Martin e White (2005) demonstram que a rede de sistemas de avaliatividade se organiza, inicialmente, em torno do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE, cujos termos/escolhas, os mais gerais ou menos delicados²⁰, são ‘atitude’, ‘engajamento’ e/ou ‘gradação’. A partir dessas primeiras escolhas, a rede de sistemas de significados avaliativos se expande através de outros sistemas cujos termos/escolhas vão se refinando em até seis níveis de delicadeza ou especificidade. Relativo a esse entendimento, Praxedes Filho e Magalhães (2013b) esclarecem que

[u]ma rede de sistemas é um conjunto de sistemas inter-relacionados, cuja organização relacional se dá através dos níveis de delicadeza da escala de delicadeza ou refinamento/detalhamento. Um sistema, por sua vez, é um conjunto de termos mutuamente excludentes/não-simultâneos ou simultâneos dentre os quais o falante/escritor faz escolhas. Cada rede de sistemas tem uma condição de entrada inicial que estabelece seu ambiente/escopo e enseja que sejam feitas as escolhas dentre os termos dos sistemas no primeiro nível de delicadeza. (...) Cada termo escolhido em um dado sistema pertencente a um dado nível de delicadeza passa a ser condição de entrada a outro sistema à direita, pertencente ao nível de delicadeza subsequente. Foi convencionado que, enquanto os nomes de sistemas devem ser grafados em letras maiúsculas, os nomes dos termos de um sistema devem ser grafados em letras minúsculas e, quando aparecem em textos verbais, devem ser acrescentadas aspas simples [(MATTHIESSEN, 1995, p. 749-754)]. Foi também convencionado que termos ou sistemas que podem ser escolhidos simultaneamente devem ser envolvidos por chaves, enquanto termos ou sistemas que são necessariamente mutuamente excludentes devem ser envolvidos por colchetes. (p. 17)

Mais adiante, os mesmos autores continuam, informando que

[a] condição de entrada [inicial] ‘avaliatividade’ possibilita a entrada no sistema de primeiro nível de delicadeza, chamado TIPOS DE AVALIATIVIDADE, cujos termos são ‘atitude’ e/ou ‘engajamento’ e/ou ‘gradação’. Os termos ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’, quando

²⁰ Seguindo Figueredo (2011), essa é nossa tradução do termo ‘*delicate*’ da LSF. Seguindo o mesmo autor, traduzimos ‘*delicacy*’ por ‘delicadeza’.

escolhidos, passam a ser novas condições de entrada a sistemas mais refinados à direita ou sistemas de segundo nível de delicadeza: TIPOS DE ATITUDE, TIPOS DE ENGAJAMENTO e TIPOS DE GRADAÇÃO, respectivamente. Os termos do sistema TIPOS DE ATITUDE são ‘afeto’ e/ou ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’. Quanto ao sistema TIPOS DE ENGAJAMENTO, seus termos são ‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’. Para o sistema TIPOS DE GRADAÇÃO, seus termos são ‘força’ e/ou ‘foco’. (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2013a, p. 76)

Os autores – em conformidade com Martin e White (2005), Martin e Rose (2007), Navarro (2012), Macken-Horarik (2004) e Bednarek (2008; 2010) –, elaboraram a representação gráfica da rede de sistemas de avaliatividade até o segundo nível de delicadeza apresentada na Figura 1.

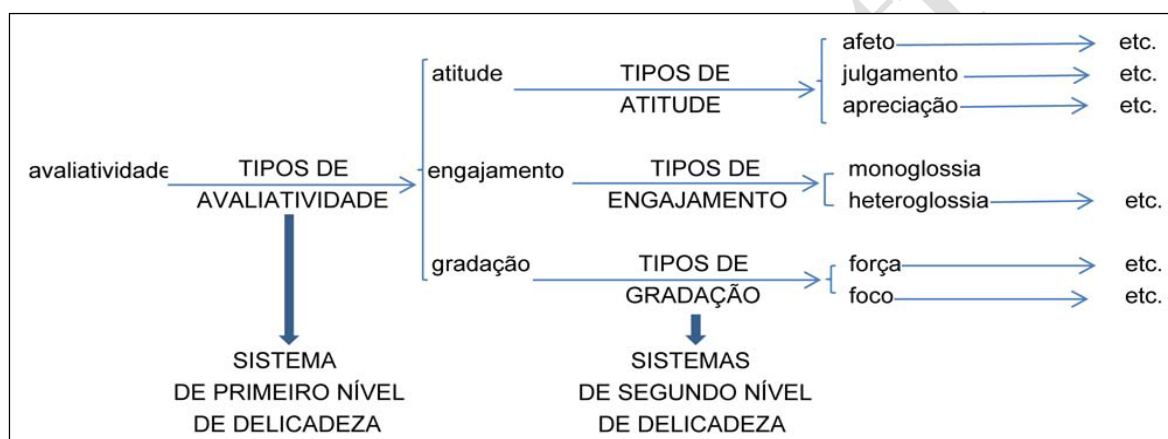


Figura 1 – Rede de sistemas de avaliatividade até o segundo nível de delicadeza.

Fonte: Praxedes Filho e Magalhães (2013b, p. 26)²¹

A respeito dos termos dos sistemas que abrangem os dois primeiros níveis de delicadeza, tal como ilustra a Figura 1, passamos a discorrer nas subseções que seguem.

2.4.1 ‘atitude’

É o termo/escolha de significado interpessoal avaliativo no âmbito do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE, de primeiro nível de delicadeza, ligado aos sentimentos emotivos, éticos e estéticos do falante, do escritor ou de terceiros. O sistema TIPOS DE ATITUDE, em segundo

²¹ Para alertar os leitores não iniciados em LSF, informamos que, na Figura 1, não constituem a rede de sistemas os seguintes elementos: 1) as setas que levam aos grupos nominais ‘SISTEMA DE PRIMEIRO NÍVEL DE DELICADEZA’ e ‘SISTEMAS DE SEGUNDO NÍVEL DE DELICADEZA’ bem como os grupos nominais propriamente ditos e 2) as seis ocorrências de ‘etc.’. Mantivemos os acréscimos de Praxedes Filho e Magalhães (2013b, p. 26) tendo em vista tornar a representação gráfica da rede mais clara. Cada ‘etc.’ significa que, se escolhidos os termos ‘afeto’, ‘julgamento’, ‘apreciação’, ‘heteroglossia’, ‘força’ e/ou ‘foco’, outros termos estão disponíveis para escolha até seis níveis de delicadeza.

nível de delicadeza, desdobra-se, por sua vez, nos termos/escolhas ‘afeto’ e/ou ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’, os quais são simultâneos, o que é representado, na Figura 1, pela chave. De acordo com Praxedes Filho e Magalhães (2013a), o tipo de atitude ‘afeto’ evoca a “‘área emotiva dos sentimentos; diz respeito a avaliações sobre as emoções das pessoas (...)”, o tipo de atitude ‘julgamento’ evoca a “‘área ética dos sentimentos; tem a ver com avaliações sobre o comportamento das pessoas (...)” e o tipo de atitude ‘apreciação’ evoca a “‘área estética dos sentimentos; contempla avaliações sobre o aspecto estético das coisas e dos fenômenos, tanto os semióticos quanto os naturais (...)” (p. 77).

O ‘afeto’ envolve sentimentos domésticos do dia-a-dia ou do senso comum e contempla o registro de estados emocionais que são experienciados. Sentimos ‘felicidade’ ou tristeza (emoções intimistas, ligadas aos assuntos do coração), ‘segurança’ ou ansiedade (emoções ligadas ao bem estar ecossocial), ‘satisfação’ ou frustração (emoções ligadas ao *telos*/a consecução de objetivos).

O ‘julgamento’ abrange sentimentos institucionalizados (que saem do senso comum) relativos aos “valores comunitários compartilhados” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 45) e tem a ver com avaliações que fazemos a respeito do caráter e do comportamento das pessoas: atitudes que ‘estimamos’ socialmente ou criticamos, elogiamos ou reprovamos/condenamos; valores que ‘sancionam’ socialmente o indivíduo perante a lei ou a religião.

A ‘apreciação’ engloba também sentimentos institucionalizados e diz respeito às avaliações que envolvem a estética de pessoas, objetos, coisas e fenômenos em geral (semióticos ou naturais): revelam posicionamentos sobre como tais entidades e fenômenos são valorizados ou não. Ainda nesse sentido, vale salientar que os aspectos estéticos apreciados podem ser manifestados pelas avaliações quanto a ‘reação’ que provocam, a ‘composição’ que apresentam e o ‘valor social’ que possuem.

Em relação de simultaneidade ao sistema TIPOS DE ATITUDE, há os sistemas de POLARIDADE e TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE. Pelo sistema de POLARIDADE, cada escolha avaliativa de ‘atitude’ pode ser ‘positiva’ ou ‘negativa’ ou, seguindo Bednarek (2008; 2010), ‘ambígua’ (não são explicitamente positivas ou negativas). Quanto aos TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE, cada escolha avaliativa de ‘atitude’ pode ser ‘inscrita’ ou ‘evocada’. A primeira diz respeito à avaliação atitudinal explícita por meio de itens lexicais ou estruturas inscritas no texto. A segunda tem a ver com avaliação atitudinal implícita no texto, podendo ser: ‘provocada’ por metáforas lexicais ou ‘convidada/sinalizada’ por avaliações de gradação e outros meios ou ‘convidada/propiciada’ pelo conteúdo ideacional-experiencial dos enunciados.

2.4.2 ‘engajamento’

É o termo/escolha de significado interpessoal avaliativo no âmbito do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE, de primeiro nível de delicadeza, relacionado à forma pela qual falantes e escritores assumem alguma postura em relação ao que dizem em seus textos e em relação ao que outros dizem sobre os mesmos assuntos. O sistema TIPOS DE ENGAJAMENTO, em segundo nível de delicadeza, desdobra-se, por sua vez, nos termos/escolhas ‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’, os quais são mutuamente excludentes, o que é representado, na Figura 1, pelo colchete. Segundo Praxedes Filho e Magalhães (2013a), a ‘monoglossia’ “tem a ver com asserções categóricas que não permitem o questionamento ou que não dão margem à dialogia (...)” e a ‘heteroglossia’ “tem a ver com o reconhecimento, por parte do falante/escritor, de que existem outras vozes ou pontos de vista acerca do assunto que está tratando (...)” (p. 78). Os autores (2013b) consideram que “é através da heteroglossia que o falante/escritor traz não só os seus próprios juízos de valor – mas também os de outros, alinhando-os ou desalinhando-os com os deles e negociando com o ouvinte/leitor uma relação de solidariedade ou não (...)” (p. 45).

A respeito do termo/escolha ‘monoglossia’, Praxedes Filho e Magalhães (2013b), levando em conta a especificidade do registro geral ‘roteiro de AD’ a partir do que evidenciou a análise dos dados, passaram a defender que o engajamento monoglóssico ocorre por desvios ou inferências descritivas categóricas. Tratando dessas duas situações, os pesquisadores esclarecem:

- 1) descrição não-modalizada de dado aspecto de uma pintura em desacordo com o referido aspecto tal como aparece na pintura (desvio descritivo categórico) e 2) descrição não-modalizada de dado aspecto de uma pintura por extrapolação da caracterização do referido aspecto tal como o pintor a construiu (inferência descritiva categórica). (p. 42)

No presente estudo, incorporamos as definições do termo/escolha ‘monoglossia’ tal como propostas por Praxedes Filho e Magalhães (2013b).

2.4.3 ‘gradação’

É o termo/escolha de significado interpessoal avaliativo no âmbito do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE, de primeiro nível de delicadeza, relativo à regulação, para mais ou menos, do grau das avaliações de atitude e engajamento. O sistema TIPOS DE GRADAÇÃO, em segundo nível de delicadeza, desdobra-se, por sua vez, nos termos/escolhas ‘força’ e/ou ‘foco’, os quais são

simultâneos, o que é representado, na Figura 1, pela chave. Para Praxedes Filho e Magalhães (2013a), pelo tipo de gradação ‘força’, “o falante/escritor ajusta as avaliações quanto à sua ‘quantidade’ (...) ou ‘intensidade’ (...)” e, pelo tipo de gradação ‘foco’, “o falante/escritor ajusta as avaliações quanto à sua ‘prototipicalidade’ (...) ou a precisão pela qual as fronteiras de uma categoria são definidas (...)” (p. 78). A direção da gradação de ‘força’ e ‘foco’ pode ser ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’.

Quando a escolha é pelo termo ‘força’, a avaliação pode envolver (i) ‘intensidade’, podendo dizer respeito a ‘qualidades’ (grupos adjetivais, grupos adverbiais e modalidades) e ‘processos’ (grupos verbais), e (ii) ‘quantidade’, podendo dizer respeito a valores numéricos imprecisos de entidades, valores imprecisos da massa ou presença de entidades e a valores imprecisos do espalhamento de entidades no tempo e no espaço. Ainda sobre as escolhas relativas à intensidade e quantidade, para Martin e White (2005), elas são “(...) categorias que envolvem avaliações inerentemente escalares, como por exemplo as avaliações atitudinais ... [graduáveis ao longo de um contínuo positividade-negatividade], mas também as avaliações de tamanho, vigor, extensão, proximidade (...)”²² (p. 137).

A realização do tipo de gradação ‘força’ pode ser: (i) ‘isolada’ – em que a gradação “(...) é realizada por um item isolado, individual (...)”²³ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 141), como os intensificadores (*muito* feliz) –, ou (ii) ‘fusionada’, em que a realização da gradação encontra-se fundida em uma dada palavra e só se explicita na comparação paradigmática com outras palavras relacionadas semanticamente (gostar, amar, adorar).

Conforme Martin e White (2005), a escolha pelo termo ‘foco’ permite ao falante/escritor fazer uma avaliação que “(...) atua na medida em que os fenômenos são graduados em relação a até que ponto eles se enquadram no centro de uma categoria semântica ou se assemelham a uma instância exemplar dessa categoria”²⁴ (p. 137).

As subredes da rede de sistemas de avaliatividade, descritas nas Subseções 2.4.1, 2.4.2 e 2.4.3, forneceram categorias analíticas somente até o segundo nível de delicadeza. Essa delimitação de abrangência atende à necessidade que se impõe para a consecução dos objetivos desta pesquisa. Destarte, a TA permite verificar a (in)existência de neutralidade por parte do audiodescritor dos

²²“(...) categories which involve inherently scalar assessments – for example the attitudinal assessments ... [gradable along clines of positivity/negativity] but also assessments of size, vigour, extent, proximity, (...)”.

²³“(...) is realised by an isolated, individual item (...)”.

²⁴“(...) operates as phenomena are scaled by reference to the degree to which they match some supposed core or exemplary instance of a semantic category.”

pontos de vista de suas avaliações atitudinais, de seu engajamento com sua própria voz e com outras vozes avaliativas e de como ele gradua suas atitudes e seus posicionamentos de engajamento.

Passamos a descrever o desenho metodológica adotada no estudo.

3. Metodologia

Considerando os objetivos e o percurso teórico, esta pesquisa apresenta-se como exploratória, descritiva e quanti-qualitativa, visando analisar, descrever e discutir a neutralidade em roteiros autênticos de ADs francesas de filmes, sem manipulá-los. Trata-se também de um estudo de caso por contemplar somente uma profissional da AD francesa e apenas dois roteiros de sua autoria. Outra característica importante diz respeito ao caráter interdisciplinar posto em relevo pelas interfaces da pesquisa e que segue a seguinte trajetória: Estudos da Tradução ↔ Estudos Descritivos da Tradução ↔ Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* ↔ Linguística de *Corpus* ↔ Tradução Audiovisual ↔ Tradução Audiovisual Acessível ↔ Audiodescrição ↔ Linguística Sistêmico-Funcional ↔ Teoria da Avaliatividade.

O *corpus* foi constituído por textos que instanciam o registro ‘roteiro de AD de filmes de longa-metragem’. Os filmes, do gênero filmico comédia, são, tal como já mencionado, *Intouchables* (de Eric Toledano e Olivier Nakache) e *Minuit à Paris* (de Woody Allen), audiodescritos em 2011 e disponibilizados no mercado francês. A seleção dos mesmos ocorreu por consultas na internet e, no propósito de agilizar o estudo, solicitamos à audiodescritora os roteiros autênticos, os quais nos foram prontamente disponibilizados pelo envio de dois arquivos no formato *.pdf*. No sentido de facilitar a construção das etiquetas, decidimos alocar os filmes em dois *subcorpora*: *Subcorpus 1* ou C1 com o roteiro de AD de *Intouchables* e *Subcorpus 2* ou C2 com o roteiro de AD de *Minuit à Paris*.

Ressaltamos que, na interface com a LC, foram adotados procedimentos de tratamento de *corpus* e de análise de dados via o *software Wordsmith Tools 5.0* de Mike Scott. Assim, no que se refere à descrição geral de cada *subcorpus*, obtida por meio das ferramentas desse programa, destacamos aqui, que C1 apresenta 6.948 palavras corridas (*tokens*), 1.204 palavras distintas (*types*) e 33,08% de variedade lexical padronizada (*standardised*) e C2 possui 3.439 palavras corridas, 813 palavras distintas e 36,10% de variedade lexical padronizada.

Fica claro, pelo exposto até aqui sobre os *subcorpora*, que, com base nas características apontadas por Berber Sardinha (2004) e Saldanha (2009), eles caracterizam-se por sua origem autêntica e por sua extensão pequena mas representativa porque atendem ao

propósito deste estudo, que trata roteiros de AD linguisticamente para descrevê-los apenas quanto à (in)existência de neutralidade e não quanto a seus padrões avaliativos. Apesar de ter cerca da metade da extensão de C1, C2 parece ser tão representativo quanto C1 pelo fato de ambos apresentarem percentuais próximos de variedade lexical padronizada.

Os procedimentos metodológicos foram os seguintes:

- Concepção das etiquetas de análise, visando a identificação de cada *subcorpus* e das categorias (termos/escolhas) da rede de sistemas de avaliatividade até o 2º nível de delicadeza. Nesta fase, foram concebidas sete etiquetas que apresentam as iniciais C1, relativas ao *Subcorpus 1* (filme *Intouchables*), como mostra o Quadro 1. Outras sete foram confeccionadas, distintas das demais somente por apresentarem as iniciais C2, indicativas do *Subcorpus 2* (filme *Minuit à Paris*). As etiquetas foram acompanhadas de parênteses angulares (< >) e apenas uma foi definida para marcar o término de cada ocorrência: </t>.

Quadro 1 – Etiquetas do *Subcorpus 1* (C1) – Identificação das categorias da rede de sistemas de avaliatividade até o segundo nível de delicadeza.

1. <C1_ATIT_AFETO>	identifica ATITUDE afeto em C1
2. <C1_ATIT_JULG>	identifica ATITUDE julgamento em C1
3. <C1_ATIT_APREC>	identifica ATITUDE apreciação em C1
4. <C1_ENG_MONOGL>	identifica ENGAJAMENTO monoglossia em C1
5. <C1_ENG_HGL>	identifica ENGAJAMENTO heteroglossia em C1
6. <C1_GRAD_FOCO>	identifica GRADAÇÃO foco em C1
7. <C1_GRAD_FORÇA>	identifica GRADAÇÃO força em C1

Fonte: os autores.

- Compilação dos *subcorpora* para leitura pelo *software Wordsmith Tools 5.0*. Nesta etapa, os conteúdos dos arquivos recebidos em *.pdf* foram inicialmente selecionados, copiados e colados no programa *Word* e, em seguida, salvos em *.doc*. Escritos para serem lidos em voz alta, os roteiros das ADs possuem marcações (como o tempo da entrada e saída da AD, dentre outras) que foram identificadas e postas entre parênteses angulares (< >) com o propósito de não serem interpretadas pelo *software*. Em seguida, foram criados outros dois arquivos no formato *.txt* do ‘Bloco de Notas’, a partir dos arquivos *.doc*, a fim de serem lidos pelo *Wordsmith Tools 5.0*.
- Análise quanto à identificação das categorias e a inserção das etiquetas nos *subcorpora*. Para a realização desta fase, foram criados, a partir dos dois arquivos no formato *.txt*, já

compilados, 14 arquivos, correspondentes às etiquetas criadas para os *subcorpora*, sendo especificamente: sete arquivos *.txt* para C1 e sete arquivos *.txt* para C2. Essa foi uma medida preventiva a fim de evitar que, dentro de um mesmo arquivo *.txt*, várias etiquetas fossem, em um mesmo trecho de texto, inseridas lado a lado. Essa medida estratégica foi motivada pelo fato de que a abordagem teórico-analítica adotada é fundamentada em termos/escolhas de sistemas em uma rede de sistemas que podem ou não ocorrer simultaneamente e, portanto, incidirem ou não em um mesmo trecho de texto. Na sequência, após a identificação das categorias avaliativas até o ‘segundo nível de delicadeza’, as etiquetas foram inseridas no início do trecho de ocorrência de dada categoria avaliativa e a etiqueta `</t>` marcou o fechamento da ocorrência.

- Revisão da análise e extração de dados quantitativos via *software*. Esses procedimentos dizem respeito à exploração de C1 e C2 por meio das ferramentas integradas ao *Wordsmith Tools 5.0*, a *WordList* e a *Concord*. Nesse propósito, os *subcorpora* no formato *.txt* foram inicialmente lidos pela *WordList*, que disponibilizou a descrição de características específicas dos mesmos, fornecendo dados como: o número de palavras corridas, de palavras distintas e o percentual da variedade lexical padronizada. Em seguida, a revisão da análise/etiquetagem foi realizada via *Concord*, que permitiu a exibição e consulta de todas as ocorrências das etiquetas, acompanhadas pelo cotexto (em ordem alfabética) no qual elas foram inseridas e, ainda, a visualização das mesmas no interior de cada *subcorpus*. Esses passos possibilitaram a revisão da análise pela confirmação (ou não) das categorias etiquetadas e pela verificação de suas localizações. O concordanciador executou a contagem de todas as ocorrências das etiquetas em C1 e C2, forneceu listas das mesmas, e dados em números absolutos, os quais receberam tratamento estatístico básico.
- Tratamento estatístico básico dos dados em números absolutos visando a comparabilidade dos resultados entre *subcorpora*. Considerando que cada *subcorpus* apresenta dimensão diferente, ou seja, possui um número total desigual de palavras corridas e considerando que quanto mais extenso um *corpus*, maior a probabilidade de ocorrência de dada categoria linguística, o Índice de Frequência Simples (IFS) foi recurso estatístico adotado para o controle dessa variável. Um IFS corresponde ao número de ocorrências de uma categoria por cada 1.000 palavras de texto. Para se chegar a um IFS, como exemplifica o Quadro 2, o número ou valor absoluto (VA) de ocorrências de uma etiqueta é dividido pelo VA total de palavras corridas do *subcorpus* e o resultado é multiplicado por 1.000. Esse procedimento foi executado utilizando os dados fornecidos pela *WordList* e o *Concord*. Em seguida, os IFS(s) foram transformados em percentuais.

Quadro 2 – Exemplo de cálculo dos IFS(s) dos dados quantitativos extraídos via *WordList* e *Concord* do *Wordsmith Tools 5.0*.

$$\text{IFS} = \text{VA da Etiqueta 3} \div \text{VA total de palavras corridas de C1} \times 1000$$

ou

$$\text{IFS} = 360 \div 6.948 \times 1000 = 51,8$$

Fonte: os autores.

Pelo exemplo, o C1 apresenta 51,8 ocorrências da Etiqueta 3 (<C1_ATIT_APREC>) por cada 1.000 palavras corridas de texto. Se o mesmo VA ocorresse em C2, ele representaria valor em torno do dobro pelo fato de C2 ser cerca de metade de C1. Portanto, o IFS para um VA de 360 em C2 seria 104,6.

A seguir, apresentamos os resultados e os discutimos.

4. Resultados e Discussão

A Tabela 1 mostra os VA(s) e os resultados quantitativos finais em IFS(s) e percentuais relativos às 2.422 ocorrências de posicionamentos avaliativos/interpretativos encontradas em ambos os *subcorpora*.

Tabela 1 - Dados em VA, IFS e percentual (%) – resultados finais das ocorrências avaliativas nos dois primeiros níveis de delicadeza.

1º NÍVEL DE DELICADEZA – TIPOS DE AVALIATIVIDADE									
SUBCORPUS	'atitude'			'engajamento'			'gradação'		
	VA	IFS	%	VA	IFS	%	VA	IFS	%
C1	739	106,3	46,7	145	20,8	9,1	699	100,6	44,1
C2	370	107,6	44,1	64	18,6	7,6	405	117,7	48,2

2º NÍVEL DE DELICADEZA																					
SUBCORPUS	TIPOS DE ATITUDE									TIPOS DE ENGAJAMENTO						TIPOS DE GRADAÇÃO					
	'afeto'			'julgamento'			'apreciação'			'monoglossia'			'heteroglossia'			'força'			'foco'		
	VA	IFS	%	VA	IFS	%	VA	IFS	%	VA	IFS	%	VA	IFS	%	VA	IFS	%	VA	IFS	%
C1	242	34,8	15,3	137	19,7	8,7	360	51,8	22,7	110	15,8	6,9	35	5,0	2,2	624	89,8	39,4	75	10,8	4,7
C2	109	31,7	13,0	78	22,7	9,3	183	53,2	21,8	48	13,9	5,7	16	4,7	1,9	366	106,4	43,6	39	11,3	4,6

Fonte: os autores

A Tabela revela que os percentuais de ocorrência em C1 e C2, em todos os tipos de avaliatividade, não diferem muito. Destacamos que a semelhança entre *subcorpora* de tamanhos díspares é evento analítico coerente ao considerarmos a proximidade dos percentuais da variedade lexical padronizada, dado que a diferença, entre eles, é de apenas 3,02 pontos percentuais. Em

conformidade com os dados quantitativos finais encontrados com a abordagem teórico-analítica adotada, passamos a detalhar os resultados por pergunta de pesquisa.

4.1 Primeira Pergunta

Na primeira pergunta de pesquisa, questionamos como se caracterizam os roteiros das ADs de C1 e C2 quanto à presença ou ausência de neutralidade operacionalizada pela ausência ou presença, respectivamente, de marcas de posicionamento avaliativo/interpretativo de ‘atitude’, quanto aos TIPOS DE ATITUDE ‘afeto’, ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’.

De acordo com a Tabela 1, C1 e C2 caracterizam-se pela presença de ‘atitude’ (C1- 46,7%; C2- 44,1%), com ocorrências de seus três tipos. As ocorrências do tipo ‘apreciação’, referente aos sentimentos estéticos, ranquearam em 1ª posição, tanto em C1 (22,7%) quanto em C2 (21,8%), com uma diferença pró-C1 de 0,9 pontos. As ocorrências do tipo ‘afeto’, ligado aos sentimentos emotivos, ranquearam em 2º lugar em ambos os *subcorpora* (C1- 15,3%; C2- 13,0%), com uma diferença também pró-C1 de 2,3 pontos. Quanto às ocorrências do tipo ‘julgamento’, que envolvem sentimentos éticos, seu ranqueamento ocupa a 3ª posição relativamente aos dois *subcorpora* (C1- 8,7%; C2- 9,3%), com uma diferença de 0,6 pontos pró-C2. Excertos ilustrativos são apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Exemplos de ocorrências avaliativas atitudinais do tipo ‘afeto’, ‘julgamento’ e ‘apreciação’ indicadas pelas etiquetas de C1 e C2

EXCERTOS ²⁵	
N-234)	sa barbe est broussailleuse</t>. Il est plus âgé, le <C1_ATIT_AFETO> visage fermé </t>. <(4')> Le conducteur regarde son
N-102)	très haut au milieu d'un nuage de froufrous. Adriana tape dans ses mains. Elle <C2_ATIT_AFETO> sourit à pleines dents </t>. <(11:18:02)> Les filles
N-107)	<(Bonsoir, messieurs.)> <(03:16:16 Enfin, surtout lui.)> Philippe <C1_ATIT_JULG> rigole en silence </t>. <///> Philippe et Driss sont au premier
N-77)	<(10:35:15 Et là, tu peux bien faire l'amour de nouveau.)> Hemingway <C2_ATIT_JULG> transperce Gil du regard </t>. <(Réfléchis à ça.)>
N-238)	sourit. <(Rire.)> <(03:16:05 Il est marrant, lui.)> <(Très vite.)> Une <C1_ATIT_APREC> jolie </t> ouvreuse attend. <(Bonsoir, messieurs.)>
N-27)	dans les <C2_ATIT_APREC> beaux </t> quartiers, les pelouses

Fonte: Os autores.

²⁵ Extraídos por meio do concordanciador do *Wordsmith Tools 5.0*, os excertos exibem a indicação numérica (N) de cada etiqueta atribuída pelo programa e o contexto no qual a mesma foi inserida.

No Quadro 3, as escolhas avaliativas atitudinais da tradutora/audiodescritora manifestam: **'afeto'** relativo à 'insatisfação' como em "*le visage fermé*" (a cara fechada) e quanto à 'felicidade' como em "*elle sourit à pleines dents*" (ela sorri de orelha a orelha); **'julgamento'** (do comportamento) relativo à 'estima social' como em "*rigole en silence*" (se diverte em silêncio) e relativo à 'satisfação social' como em "*Hemingway transperce Gil du regard*" (Hemingway olha Gil penetrantemente); e **'apreciação'** quanto à 'reação' (provocada pela entidade avaliada) como em "*une jolie ouvreuse attend*" (uma funcionária bonita aguarda) e "*dans les beaux quartiers, les pelouses...*" (nos lindos bairros, os gramados...).

4.2 Segunda Pergunta

Na segunda pergunta de pesquisa, a questão que levantamos procura saber como se caracterizam os roteiros das ADs de C1 e C2 quanto à presença ou ausência de neutralidade operacionalizada pela ausência ou presença, respectivamente, de marcas de posicionamento avaliativo/interpretativo de 'engajamento', quanto aos TIPOS DE ENGAJAMENTO 'monoglossia' ou 'heteroglossia'.

Face a Tabela 1, ambos os *subcorpora* caracterizam-se pela presença de 'engajamento' (C1- 9,1%; C2- 7,6%), tendo ocorrido seus dois tipos. As ocorrências do tipo 'monoglossia' – ligado à voz autoral manifestando-se ou via desvio descritivo categórico ou via inferência descritiva categórica (para o registro geral 'roteiro de AD' segundo Praxedes Filho e Magalhães, 2013b) –, apresentam percentual superior ao tipo 'heteroglossia' tanto em C1 (6,9%) quanto em C2 (5,7%), com uma diferença pró-C1 de 1,2 pontos. No tocante às ocorrências avaliativas por 'heteroglossia', que dizem respeito ao reconhecimento de vozes ou pontos de vista externos, os percentuais em C1 (2,2%) e C2 (1,9%) são muito semelhantes, com uma diferença de 0,3 pontos. Excertos ilustrativos dessas ocorrências seguem no Quadro 4.

Quadro 4 - Exemplos de ocorrências avaliativas por engajamento do tipo 'monoglossia' e 'heteroglossia' indicadas pelas etiquetas de C1 e C2.

EXCERTOS	
N-7)	Yvonne mange un mini-éclair</t> <C1_ENG_MONOGL>au chocolat</t>.
N-28)	C'est <C2_ENG_MONOGL>le déluge</t> devant les cinémas
N-30)	vous plaît... S'il vous plaît ! +1')> Le serveur arrive du fond de la salle <C1_ENG_HGL>presque vide</t>. Driss renverse son verre. <(Gling.)>
N-8)	<(11:22:58 Parce que la vie est toujours un peu insatisfaisante.)> Adriana <C2_ENG_HGL>ne sourit plus</t>. <(C'est ça, le problème, avec les écrivains.

Fonte: Os autores.

No Quadro 4, as ocorrências avaliativas demonstram o ‘engajamento’ do tipo: ‘**monoglossia**’ por inferência descritiva categórica como em “*un mini-éclair au chocolat*” (um docinho de chocolate), visto que a cena não dá nenhuma indicação sobre o sabor da guloseima, e por desvio descritivo categórico como em “*le déluge devant les cinémas*” (o dilúvio em frente aos cinemas), pelo fato de a voz da audiodescritora referir-se a uma chuva comum como se fosse torrencial; e ‘**heteroglossia**’ como em “*presque vide*” (quase vazia) e “*ne sourit plus*” (não sorri mais), em que a ‘contração’ do espaço dialógico, no primeiro caso, é percebida pelo rompimento de expectativas (‘contraexpectativa’) e, no segundo caso, pela negativa.

4.3 Terceira Pergunta

Na terceira pergunta, levantamos a questão de como se caracterizam os roteiros das ADs de C1 e C2 quanto à presença ou ausência de neutralidade operacionalizada pela ausência ou presença, respectivamente, de marcas de posicionamento avaliativo/interpretativo de ‘gradação’, quanto aos TIPOS DE GRADAÇÃO ‘força’ e/ou ‘foco’.

Conforme a Tabela 1, C1 e C2 caracterizam-se pela presença de ‘gradação’ (C1- 44,1%; C2- 48,2%), com ocorrências de seus dois tipos. As ocorrências dos posicionamentos do tipo ‘força’, que abrangem avaliações escalares relativas à ‘quantificação’ ou ‘intensificação’, evidenciam percentuais superiores tanto em C1 (39,4%) quanto em C2 (43,6%), com uma diferença pró-C2 de 4,2 pontos. Quanto às ocorrências do tipo ‘foco’ – que tratam do nível de prototypicalidade de entidades, processos e fenômenos –, o percentual em C1 (4,7%) é praticamente igual ao percentual em C2 (4,6%), com uma diferença pró-C1 de apenas 0,1 pontos. Excertos ilustrativos são exibidos no Quadro 5.

Quadro 5 - Exemplos de ocorrências avaliativas por gradação do tipo ‘força’ e ‘foco’ indicadas pelas etiquetas de C1 e C2.

EXCERTOS	
N-227) <(Bon, on réessaye la casquette.)> Il porte un gilet gris et une veste bleue <C1_GRAD_FORÇA> foncée </t>. Driss lui met une casquette. <(Ça, c'est pas	
N-14) Gil regarde des boucles d'oreille <C2_GRAD_FORÇA> anciennes </t> dans une vitrine.	
N-50) Il a une petite <C1_GRAD_FOCO> moustache à la Hitler </t>	
N-26) <///> La lumière est faible et <C2_GRAD_FOCO> orangée </t>.	

Fonte: Os autores.

No Quadro 5, as ocorrências por ‘gradação’ indicam que a tradutora/audiodescritora ajustou suas escolhas avaliativas do tipo: ‘**força**’ por intensificação como em “*foncée*”

(escuro) que incide sobre a qualidade “*bleue*” (azul) e por quantificação como em “*anciennes*” (antigos) que modifica o grupo nominal “*boucles d'oreille*” (brincos); e ‘foco’ por referir-se a um exemplar genuíno ou prototípico de uma determinada categoria como em “*moustache à la Hitler*” (bigode do tipo Hitler) ou por falar de um exemplar que está na periferia de uma categoria como em “*orangée*” (alaranjada), que faz com que a “*lumière*” (luz) seja localizada na periferia de “orange” (laranja).

4.4 Quarta Pergunta

Aqui questionamos se os roteiros de C1 e C2 são neutros ou avaliativos/interpretativos e, se avaliativos/interpretativos, assim são de modo semelhante ou diferente.

As respostas às três primeiras perguntas indicam a presença de escolhas avaliativas nos roteiros de AD de C1 e C2 e demonstram, pois, que os mesmos são avaliativos/interpretativos em todas as áreas de significados avaliativos segundo os pressupostos da TA. Portanto, a neutralidade inexistente tanto em C1 quanto em C2.

Em vista dos dados exibidos na Tabela 1, o ranqueamento das escolhas avaliativas/interpretativas no 1º nível de delicadeza ficou: para C1 → ‘atitude’ (46,7%) > ‘gradação’ (44,1%) > ‘engajamento’ (9,1%); para C2 → ‘gradação’ (48,2%) > ‘atitude’ (44,1%) > ‘engajamento’ (7,6%).

Nesse primeiro nível, C1 e C2 são avaliativos/interpretativos de modo parcialmente semelhante. Contudo, a diferença não é profunda por duas razões: 1) o termo/escolha ‘engajamento’ ranqueou em terceiro lugar em C1 e C2; 2) as diferenças percentuais quanto às ocorrências dos termos/escolhas ‘atitude’ e ‘gradação’ entre *subcorpora* são, respectivamente, de 2,6 pontos pró-C1 e 4,1 pontos pró-C2, as quais não representam diferenças grandes.

Ainda conforme os dados da Tabela 1, a sequência do ranqueamento das escolhas avaliativas/interpretativas no 2º nível de delicadeza foi: para C1 e C2 → ‘força’ > ‘apreciação’ > ‘afeto’ > ‘julgamento’ > ‘monoglossia’ > ‘foco’ > heteroglossia’.

Dado que depreende-se do segundo nível, por detalhar o primeiro, padrões mais reveladores do comportamento avaliativo da voz autoral, ousamos defender, com base nesse argumento, que C1 e C2 são avaliativos/interpretativos de modo semelhante, o que evidencia um forte indicativo da representatividade dos *subcorpora* relativa à prática tradutória da audiodescritora.

Com larga margem, os resultados encontrados indicaram maior ocorrência das escolhas avaliativas/interpretativas gradacionais de ‘força’ (C1- 39,4%; C2- 43,6%), que têm a ver com a

quantidade ou intensidade das avaliações atitudinais e de engajamento, seguidas das atitudinais de ‘apreciação’ (C1- 22,7%; C2- 21,8%), que veiculam sentimentos estéticos. Estamos tratando de ADs de filmes do gênero cinematográfico ficção e parece que a audiodescritora sentiu a necessidade de descrever avaliativamente a aparência de elementos da narrativa fílmica como personagens (atributos como aspecto físico e vestuário) e ambientações (cenários, adereços, iluminação, cores) (cf. JIMÉNEZ HURTADO et al., 2010), sem deixar de graduar, para mais ou para menos, as aparências descritas. Como há personagens, ela também parece ter se sentido impelida a falar de suas emoções e seus comportamentos e o fez de maneira avaliativa, pois as avaliações de ‘afeto’ (C1- 15,3%; C2- 13,0%) e ‘juízo’ (C1- 8,7%; C2- 9,3%) são as seguintes no ranqueamento. Logo atrás, aparecem as ocorrências relativas a trechos avaliados por ‘monoglossia’ (C1- 6,9%; C2- 5,7%), significando o fato de a audiodescritora, nesses trechos, ter atingido o auge de sua capacidade interpretativa porque ou se desviou da cena descrita ou fez inferência sobre ela. O ‘foco’ – com percentuais de ocorrência de 4,7% e 4,6%, respectivamente –, certamente contribuiu, com menor presença, para graduar as aparências dos personagens e das ambientações. Por último, em ambos os *subcorpora*, ranqueou a avaliação por ‘heteroglossia’ (C1- 2,2%; C2- 1,9%), aspecto relativo ao qual os resultados ora reportados se diferenciam dos resultados reportados em Praxedes Filho e Magalhães (2013b), segundo os quais, para os *corpora* em português e inglês, o ranqueamento de ‘heteroglossia’ é o quarto e o terceiro, respectivamente (Ver Subseção 2.3). Em grande medida, as avaliações por ‘engajamento’ heteroglósico ocorrem via modalizações e modulações, cujas realizações lexicogramaticais demandam estruturas com maior quantidade de palavras. Como os espaços destinados à inserção de AD em filmes – intervalos de silêncio entre uma fala e outra –, são geralmente muito pequenos, o que não ocorre relativamente a ADs de pinturas, a necessidade de mais palavras pode ser uma causa plausível para essa diferença entre os roteiros de AD de filmes e os roteiros de AD de pinturas.

Vale observar, ainda, que, em Praxedes Filho e Magalhães (2013a,b), os resultados mostraram que as duas maiores ocorrências avaliativas incidiram, tal como no presente estudo, em ‘força’ e ‘apreciação’. Esses resultados convergentes podem apontar para a indicação de uma tendência de padrão avaliativo predominante relativa ao registro mais geral ‘roteiro de AD’.

5. Considerações finais

O presente estudo dedicou-se a uma das modalidades da TAV-Ac, a que cuida da acessibilidade sociocultural junto aos DVs, e tratou do parâmetro de neutralidade quanto ao

registro ‘roteiro de AD de filmes de longa-metragem’ instanciado por dois filmes franceses, buscando investigar, com o auxílio da LC-ETBC, a presença ou ausência de interpretação por parte do tradutor/audiodescritor, segundo os fundamentos da TA-LSF.

Na interface com a LC, procedimentos de tratamento dos *subcorpora* e de análise dos dados puderam ser adotados, via *software Wordsmith Tools 5.0*, que viabilizaram o bom êxito metodológico, tendo em vista tratar-se de estudo com números elevados: 10 termos/escolhas tomados da TA que geraram 14 etiquetas a serem inseridas em 10.387 palavras, o que levou a 2.422 etiquetagens. Em outras palavras, acreditamos que a LC garantiu que os objetivos fossem alcançados e as perguntas respondidas de modo satisfatório.

Pela abordagem teórico-analítica, amparada nos pressupostos da TA-LSF, estudamos os *subcorpora* na abrangência dos dois primeiros níveis de delicadeza da rede de sistemas de avaliatividade. Assim, evidenciamos e descrevemos as marcas de posicionamento da tradutora/audiodescritora dos pontos de vista de suas atitudes avaliativas, de seu engajamento com sua voz e com outras vozes avaliativas e de como ela gradua suas atitudes e seus posicionamentos de engajamento, o que viabilizou postularmos pela **inexistência** de neutralidade nos roteiros. Nessa perspectiva, esta pesquisa contribui com os Estudos da Tradução, pois, ao descrever a existência de avaliação/interpretação em textos traduzidos, se alia aos EDT para investigar a neutralidade, ainda muitas vezes prescrita ao trabalho do tradutor/audiodescritor.

Os resultados demonstraram, em ambos os *subcorpora*, que há presença de posicionamentos avaliativos/interpretativos da perspectiva dos sete tipos de significados avaliativos no segundo nível de delicadeza. Dado que as ocorrências avaliativas/interpretativas gradacionais de ‘força’ e atitudinais de ‘apreciação’ ranquearam nas duas primeiras posições, tal como visto no estudo pioneiro de Praxedes Filho e Magalhães (2013a,b), essa ‘coincidência’ pode ser indicativa de um provável padrão de uso. Em decorrência dessa convergência, deixamos a seguinte sugestão para futuras pesquisas: aprofundar a interface entre TAV-Ac/AD e LSF via TA e entre esta e os ETBC via LC, descrevendo um *corpus* de extensão média – que, para Berber Sardinha (2004), tem tamanho entre 250 mil e 1 milhão de palavras –, de roteiros de AD de filmes de longa-metragem elaborados pela mesma audiodescritora, o que deve ser possível por se tratar de profissional há cerca de 20 anos no mercado, com o objetivo de estudar seu padrão avaliativo/interpretativo ou sua assinatura avaliativa, levando-se em conta os sistemas da rede de avaliatividade até o último nível de delicadeza. Outra sugestão diz respeito à compilação de um *corpus* composto por roteiros de AD de um mesmo filme de longa-

metragem escritos por diferentes audiodescritores franceses, com o objetivo de estudar descritivamente o padrão avaliativo/interpretativo do registro ‘roteiro de AD de filmes de longa-metragem’ ou seu estilo avaliativo.

Para além da relevância de suas interfaces, acreditamos que a contribuição maior deste estudo reside no fato de seus resultados – somados aos resultados de Jiménez Hurtado (2007), Holland (2009) e Praxedes Filho e Magalhães (2013a,b) –, libertarem os profissionais de AD do parâmetro prescritivo de neutralidade. Não duvidamos que esses resultados também impactarão a pedagogia de formação de audiodescritores. Visto que este estudo abordou questão relacionada à atividade do tradutor, esperamos, ainda, que desperte e estimule o interesse pela tradução, fomente reflexões, diálogos e pesquisas nas modalidades da TAV-Ac em interface com a LC, contribuindo com a acessibilidade sociocultural, a formação dos profissionais da área e com a valorização do trabalho do tradutor/audiodescritor.

Referências bibliográficas

ADERALDO, M. F. **Proposta de parâmetros descritivos para Audiodescrição à luz da interface revisitada entre Tradução Audiovisual Acessível e semiótica social – multimodalidade**. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ARAÚJO, V. L. S.; ADERALDO, M. F. **Os novos rumos da pesquisa em Audiodescrição no Brasil**. Org. Araújo e Aderaldo. 1 ed. Editora CRV. Curitiba, PR. 2013, p. 8.

BAKER, M. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: Somers, H. (Ed.). **Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996, p. 177-186. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/btl.18.17bak>

BASSNETT, S. **Estudos de tradução**. Tradução de Vivina de Campus Figueiredo. Lisboa: Gulbenkian, 2003.

BEDNAREK, M. **Emotion talk across corpora**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2008. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1057/9780230285712>

_____. **Glossary attitude** (brochura no minicurso ‘Appraisal and Corpus Linguistics, ministrado no VI Congresso da Associação de Linguística Sistêmico- Funcional da América Latina, realizado na UECE, em Fortaleza-CE, de 05 a 09/10/2010). Manuscrito, 2010.

BENECKE, B. **Audio-Description**. Meta, vol. 49, nº 1, 2004, p. 78-80. **crossref** <http://dx.doi.org/10.7202/009022ar>

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BERNENGO, C. **L'audiodescription fait son cinéma: état des lieux et perspectives.** Mémoire de fin d'étude. França, 2012, jun. 166f. École Nationale Supérieure Louis Lumière. França. 2012. Disponível em : <<http://www.ens-louis-lumiere.fr/fileadmin/recherche/2012/Bernengo-son.pdf>>. Acesso em dez. 2013.

DÍAZ CINTAS, J. In search of a theoretical framework for the study of audiovisual translation. In: Orero, P. (org.). **Topics in Audiovisual Translation.** Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, 2004, p. 19-32. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/btl.56.06dia>

_____. **Traducción Audiovisual y accesibilidad.** In: Jiménez Hurtado, C. Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual. (Ed.) Frankfurt AM Main: Peter Lang, 2007. p. 9-23.

FRANÇA. Charte de Qualité de l'Audiodescription. **L'Audiodescription: principes et orientations.** France: [s.n.], 2008. 13f. Não paginado. Disponível em: <http://www.enaparte.org/audiodescription/La_Charte_files/La_Charte.html>. Acesso em: 30 jul.2012.

FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V. L. S. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). In: FROTA, M. P.; MARTINS, M. A.P. (Orgs.). **Tradução Audiovisual.** Revista, nº 11, 2011, p. 1-23. Disponível em: < <http://audiodescricao.com/site/files/2010/02/18884.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

FRANCO, E.; SILVA, M. Audiodescrição: breve passeio histórico. In: Motta, L.; Filho, P. R. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** (Ed.) São Paulo, 2010: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo. p. 19-36.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 1985.

_____. **An introduction to functional grammar.** 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar.** 3 ed. New York: Arnold, 2004.

HERMANS, T. **Translation in systems.** Descriptive and systemic approaches explained. Manchester: St. Jerome, 1999.

HOLLAND, A. Audio description in the theatre and the visual arts: images intowords. In: Anderman, G. & Díaz-Cintas, J. Eds. **Audiovisual Translation: language transfer on screen.** Basingstoke; New York: Palgrave MacMillan, 2009.

HOLMES, J. The Name and the Nature of Translation Studies. **Translated!** Papers on Literary Translation and Translation Studies, Amsterdam, Rodopi, 1988/1972, p. 67-80.

INTOUCHABLES. Direção: Eric Toledano e Olivier Nakache. Produção: Nicolas Duval Adassovsky, Yann Zenou e Laurent Zeitoun. (Co)Produção: Quad, Gaumont, TF1 films production, TEN films, Chaocorp, Canal plus e Cinécinéma. Copyright@2011 Splendido, Gaumont, TF1 films

production, TEN films e Chaocorp. Origem: produção francesa. 2011. 1 Filme DVD, 1h52 min, son., color. Audiodescrito: VOSTF para Médiadub International. Francês. 2011.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. Trad. Izidoro Blikstein. In: Jakobson, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995/1959, p.63-86.

JIMÉNEZ HURTADO, C. Una gramática local del guión audiodescrito. Desde la semántica a la pragmática de nuevo tipo de traducción. In: Hurtado, C. J. **Traducción y accesibilidad: subtitulación para sordos y Audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción Audiovisual**. Amsterdã: Peter Lang, 2007, p. 55-80.

_____; RODRÍGUEZ, A.; SEIBEL, C. **Un corpus del cine**. Teoría y practica de la Audiodescripción. Granada: Tragacanto, 2010.

MACKEN-HORARIK, M. Interacting with the multimodal text: reflections on image and verbiage in ArtExpress. **Visual Communication**, v. 3, n. 1, p. 5-26, 2004. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1177/1470357204039596>

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. 2 ed. New York: Continuum, 2007.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of evaluation: appraisal in English**. London: Palgrave/Macmillan, 2005.

MASCARENHAS, R. O. **A Audiodescrição da minissérie policial *Luna Caliente*: uma proposta de tradução à luz da narratologia**. Salvador, 2012. 285f. Tese. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MATTHIESSEN, C. **Lexicogrammatical cartography: English systems**. Tokyo: International Language Sciences Publishers, 1995.

MINUIT à Paris. Direção: Woody Allen. Produção: Pontchartrain. (Co)Produção: Helen Robin, Raphaël Benoliel, Letty Aronson, Stephen Tenenbaum e Jaume Roures. Copyright@2011 Mediaproducción, Versátil Cinema e Gravier Productions. Origem: produção américo-hispânica. 2011. Filme dublado francês. 1 Filme DVD, 1h34 min, son., color. Audiodescrito: VOSTF para Médiadub International. Francês. 2011.

NAVARRO, F. **Appraisal toolkit: sobrevivendo a la Teoría de la Valoración (versión 12.04)**. Disponível em: <<http://discurso.wordpress.com/2012/01/28/appraisal-toolkitsobreviviendo-a-la-teoria-de-la-valoracion/>>. Acesso em: 04 fev. 2012.

NAVARRO, J. J. **A inclusão social dos deficientes visuais e a publicidade brasileira: um breve panorama**. 06/20815. Brasília, 2012. 61f. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda). Departamento de Audiovisuais e Publicidade da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília. Brasília. 2012. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/4259> ou http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/4259/1/2012Juliana_JobimNavarro.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2013.

PAGANO, A; VASCONCELLOS, M. L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **DELTA**, vol.19, 2003.

PRAXEDES FILHO, P. H. L.; MAGALHÃES, C. M. A neutralidade em Audiodescrições de pinturas: resultados preliminares de uma descrição via Teoria da Avaliatividade. **Os novos rumos da pesquisa em Audiodescrição no Brasil**. Org. Araújo e Aderaldo. 1 ed. Editora CRV. Curitiba, PR. 2013a, p. 73-87.

PRAXEDES FILHO, P. H. L.; MAGALHÃES, C. M. **A Audiodescrição de pinturas é neutra?** um estudo descritivo via Teoria da Avaliatividade. 2013b. 367f. Relatório de Estágio Pós-Doutoral (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013b.

RAI, S.; GREENING, J.; PETRÉ, L. **A comparative study of audio description guidelines prevalent in different countries**. London: Media and Culture Department, Royal National Institute of Blind People, 2010.

SALDANHA, G. Principles of corpus linguistics and their application to translation studies research. **Revista Tradumática**. Barcelona. n.7, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Tradumatica/.../206722>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

SILVA, C. F. da. **Aspectos relevantes na tradução da charte francesa para Audiodescrição**. Fortaleza-CE, 2013. 93f. Monografia (Especialização em Formação de Tradutores). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Cristiene%20Ferreira%20TCC>>. Acesso em: set. 2014.

SILVA, F. T. dos S.; BONA, V. de; SILVA, A. da N. A.; CARVALHO, I.; SILVA, E. V. da. Reflexões sobre o pilar da áudio-descrição: “descreva o que você vê”. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, 2010, v. 4, n. 4, p. 1-19.

SINCLAIR, J. **Corpus, concordance, collocation**, Oxford: Oxford University Press. 1991.

STANDARDS for audio description and code of professional conduct for describers. Disponível em: <<http://audiodescriptioncoalition.org/adstandards090615.pdf>>. Acesso em: mar. 2013.

TOURY, G. The Nature and Roles of Norms in Translation. In: **Descriptive Translation Studies - and beyond**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 53-69. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/btl.4>

VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. (orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2010.

VILARONGA, I. A Dimensão formativa do cinema e a audiodescrição: um outro olhar. In: **Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Londrina, 2009. p.1060.

Disponível em: <[http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Rodrigues_Iracema%20Vilaronga .pdf](http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Rodrigues_Iracema%20Vilaronga.pdf)>. Acesso em: 18 mar.2013.

Artigo recebido em: 15.10.2014

Artigo aprovado em: 14.12.2014

Letras & Letras